

**A Representação do Negro na Literatura
Brasileira: Novas Perspectivas**

**The Representation Of Negro Into
Brazilian Literature: New Perspectives**

Suely Dulce de CASTILHO*

RESUMO

Tem-se como pretensão neste artigo realizar uma reflexão crítica, sobre como o negro tem sido representado nas obras literárias destinadas ao público adulto e infanto-juvenil. Propõe-se também sugerir novas tendências de literatura infanto-juvenil as quais têm procurado romper com os silenciamentos, estereótipos e preconceitos em relação ao negro.

Palavras-chave: literatura brasileira - negro.

ABSTRACT

This article aims to accomplish a critical reflection about as the Negro has been represented within literary works directed to adult and infant-juvenile public. It also proposes the suggestion of new tendency of infant-juvenile literature that has searched to break up with the silentness, stereotypes and pre-concepts related to Negro.

Key words: brazilian literature - negro.

O presente artigo tem como objetivo propor uma reflexão crítica sobre a representação do negro na Literatura Brasileira e sugerir a professores novas tendências de literaturas infanto-juvenis as quais têm procurado romper com os silenciamentos, estereótipos e preconceitos comuns na literatura tradicional. O texto é resultado de algumas reflexões realizadas conjuntamente numa Oficina ministrada por mim no curso de exten-

* Mestre em Educação Cultura e Sociedade pela Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT. Professora e Pesquisadora do NEPRE/UFMT. Pesquisadora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação – Currículo da PUC-SP. E-mail: suelydc@terra.com.br

são dirigido a professores do ensino fundamental do Município de Cuiabá - MT: Trabalhando as Diferenças no Ensino Fundamental, realizado pelo NEPRE (Núcleo de Estudos e Pesquisas Sobre Relações Raciais e Educação), na Universidade Federal de Mato Grosso, em fevereiro de 2004.

Os professores realizaram leituras, pesquisas e análises de diversas obras da literatura infanto-juvenil, buscando refletir sobre os seguintes pontos: como os livros de literatura apresentam os(as) personagens negros(as), seja no texto escrito ou nas gravuras? Qual a cor predominante dos heróis ou heroínas? O livro silencia, marginaliza ou contempla positivamente a imagem, a história e a cultura dos(as) negros(as)? Quais os motivos das diferenças existentes entre a representação dos(as) personagens dos(as) negros(as) e dos(as) brancos(as)?

Os resultados das leituras, análises, assim como as reflexões feitas conjuntamente, encontram-se organizadas neste texto em duas partes. A primeira mostra como o negro tem sido representado na Literatura Brasileira; a segunda busca analisar como os livros infanto-juvenis apresentam os personagens negros, seguindo-se uma reflexão sobre as diferenças de representação entre personagens negros e brancos. Finalmente há sugestões de novas propostas de leituras que procuram romper com os preconceitos e estereótipos veiculados pela literatura infanto-juvenil tradicional.

1. O NEGRO NA LITERATURA BRASILEIRA

A figura do negro na Literatura Brasileira anterior a 1850, antes da abolição do tráfico de escravos, praticamente inexistente. Segundo Brookshaw (1983), isso é surpreendente, se for considerado o papel diário desempenhado pelos escravos em muitas atividades nessa época. Esse silenciamento pode ser explicado, por um lado, sob a ótica de que o escritor brasileiro não considerava o escravo como ser humano e por outro, é possível que a maior parte dos escritores tenha surgido em função dos senhores de escravos, ou dependeu do amparo das instituições escravocratas. Ou seja, estava do lado dos opressores e não poderia dar atenção aos oprimidos.

A abolição do tráfico, ocorrida em 1850, forçou os escritores brasileiros a voltarem sua atenção aos escravos, em particular à maneira como eram tratados. Nos textos literários desse período, os escravos eram descritos com desgosto, piedade e de forma desumana. Nesse sentido, em 1856 surge o primeiro romance abordando a temática do escravo, intitulado *O Comendador*, na obra escrito por Pinheiro Guimarães.

É importante destacar que, no período romântico (1836-1881), o projeto político dos escritores brasileiros estava voltado para a construção da

identidade nacional. E o espírito nacionalista, de independência, de liberdade, passou a ser representado pelos literários na imagem do índio. No final da fase indianista, dentro da tendência romântica, aparece o negro, mas para contracenar com o índio. Porém, se o índio por natureza era corajoso e profundamente orgulhoso de sua independência, o negro era de índole escrava, humilde e resignado, como aparece no Romance *Til* (1872), de José de Alencar.

Com o início do movimento abolicionista surge a primeira heroína escrava e possivelmente a última mulata excepcional, descrita positivamente na obra *A escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães, em 1875. No entanto, embora a personagem fosse mulata, foi descrita com características brancas, o que mostra a dificuldade dos escritores brancos em verem positivamente as personagens negras: “A tez era como o marfim do teclado, alva que não deslumbra, embaçada por uma nuance delicada, que não sabereis dizer se é leve palidez ou cor-de-rosa desmaiada (*Escrava Isaura*, 1875 - Bernardo Guimarães).

Castro Alves foi o escritor mais ilustre da causa escrava no Brasil, mas também representou o negro de forma tão sinistra quanto outros romancistas de sua época. Segundo Brookshaw (1983), Castro Alves ainda via os negros como a raça maldita, os descendentes de Caim que tinham sido expulsos do paraíso para as areias ardentes da África; reproduziu o

mito europeu que considerava a África um continente desafortunado e abandonado pela civilização.

Mesmo os escritores interessados nos problemas da escravidão, os chamados abolicionistas, como Bernardo Guimarães, Castro Alves e Fagundes Varela, foram vítimas de todos os preconceitos e intolerâncias que rodeavam a questão da raça e da cor. O negro era retratado ou como escravo imoral, demônio, ou resignado e fiel. E de uma fealdade indescritível!

A fase naturalista/realista (1881-1883) da literatura brasileira é inaugurada com um romance intitulado *O mulato* (1881), de Aluísio de Azevedo, em que o negro é pela primeira vez o personagem principal. A obra denuncia o preconceito de raça e a estreiteza do horizonte que dominam o meio provinciano e que impedem o protagonista Raimundo, um rapaz negro, de se casar com uma moça branca da sociedade local. O rapaz termina assassinado e a moça casa-se com um português. Para pôr a nu o preconceito, o autor descreve o rapaz como um mulato fino, educado bacharel em direito pela Universidade de Coimbra, procurando demonstrar que mesmo com todo o prestígio social, intelectual, o negro continua sendo alvo de discriminação.

Nessa fase a presença de personagens negras foi abundante na literatura brasileira, mas a maioria dos escritores continuou a reforçar a imagem dos negros com estereótipos claramente racistas e com exagerado tom

sensual. Em termos gerais, a imagem do negro era representada pela diáde: imoral e demônio. No romance *O cortiço* (1890), de Aluísio de Azevedo, a sensualidade pervertida de Rita Baiana pode ilustrar bem essa afirmação:

Ela saltou em meio a roda (...) numa sofreguidão de gozo carnal, num requebrado luxurioso que a punha ofegante, (...) ninguém como Rita, só ela, aquele demônio, tinha o mágico segredos daqueles movimentos de cobra amaldiçoada, aqueles requebros que não podia ser sem o cheiro que a mulata soltava de si sem aquela voz doce, quebrada, harmoniosa suplicante, meiga e arrogante. (O Cortiço, 1980, de Aluísio de Azevedo).

Simultaneamente, nesse período o negro é retratado por exageradas descrições de feiúra e bestialidade: “o carão do negro, estúpido e truculento do carrasco... fuzilava-lhe nas feições o garbo bestial do crime... O olhar sanhudo, coado através de uma pupila negra, borrada numa córnea injetada de sangue. Pelas narinas carnudas e achatadas a sua boçal ignorância aspirava com o ar alento necessário aos seus instintos de fera” (*Motta Coqueiro*, de José do Patrocínio).

Os principais romances e escritores abolicionistas foram: *Bom Crioulo* (1885), de Adolfo Caminha; *A carne* (1888), de Júlio Ribeiro; *O mulato* (1881) e *O cortiço* (1890), de Aluísio de Azevedo. A mensagem de todos

esses romances é que a companhia de negros não é saudável porque eles não controlam seus instintos animais, não têm moral e podem destruir a de quem tem, no caso, a moral dos brancos.

A literatura pós-escravidão foi fortemente influenciada por duas correntes de pensamento em vigência na sociedade intelectual brasileira, ambas transplantadas da Europa: O Darwinismo Social e o Positivismo, de August Comte.

A primeira corrente teórica postula a existência de raças superiores e inferiores, sendo superiores as raças brancas (européias) e inferiores as escuras (latino americanas). O Brasil se insere no segundo caso.

Os darwinistas defendem a tese de que a questão da raça é primordial para o desenvolvimento de um país. Dessa forma, sendo o Brasil formado majoritariamente por índios, negros e mestiços, considerados inferiores, tanto cultural como biologicamente, não teria boas perspectivas de desenvolvimento. Existiria apenas uma saída para o progresso o Brasil: o branqueamento através da miscigenação com as “raças mais desenvolvidas” (os brancos europeus), até extinguir a “raça negra inferior”. No Brasil os maiores representantes desse pensamento foram Oliveira Viana e Nina Rodrigues.

Os escritores partidários do Positivismo estavam mais propensos a explicar a inferioridade dos negros através da ênfase das diferentes qua-

lidades que eles viam como características das raças. Por exemplo: a raça negra era afetiva; o ameríndio, ativo. Ou seja, os negros tinham seus defeitos, mas também tinham qualidades e eram possíveis de ser melhorados.

Uma parte dos escritores negros foi atraída pela corrente positivista, entre eles Lima Barreto e Manoel Querino. Ambos procuravam exaltar nos seus romances as qualidades dos negros, como capacidade para o trabalho pesado, fidelidade ao patrão e afetividade.

Já os autores da burguesia nascente, pertencentes à elite intelectual brasileira, centralizados na academia de Letras, fundada em 1890, eram partidários das teorias darwinistas. Dentre eles podem ser citados Machado de Assis, que curiosamente era mulato; Coelho Neto, Afrânio Peixoto e Graça Aranha, cujo romance *Canaã* (1901) foi claro no incentivo à imigração européia, a fim de que o Brasil pudesse “embranquecer” e, finalmente crescer.

Na fase literária modernista (a partir de 1922), o questionamento radical das bases culturais do país promove uma ampla valorização das raízes mais autênticas da cultura brasileira. Oswald de Andrade lança o movimento da antropofagia, cujo lema era: os selvagens brasileiros podem e devem devorar os valores europeus. Com Jorge Amado, por exemplo, o negro passou a ocupar um lugar na literatura brasileira, sob afirmação positiva e apaixonada. Porém, a sensualidade da

mulher mulata continua exacerbada, de modo a reforçar o estereótipo da mulher negra enquanto exagerada nas práticas sensuais e sexuais.

Monteiro Lobato foi o precursor do modernismo no Brasil, na temática do negro. No entanto, foi o autor que mais declaradamente atacou os negros de forma cortante e preconceituosa: considerava-os ora como animais selvagens, ora como resignados. No conto *Bocatorta*, especificamente, o personagem negro era tão feio que a filha do fazendeiro morreu só de pôr o olho nele (BROOKSHAW, 1983).

Em resumo, a presença do negro na literatura brasileira, ao longo da história, foi marcada ou pelo silêncio, como no período anterior à abolição, ou pela afirmação de sua inferioridade, tanto biológica como cultural, a qual, dependendo do autor, varia de grau. No modernismo, o negro era visto como uma preocupação, devido ao entrave que ele representaria à instituição de uma “nação brasileira civilizada”.

2. O NEGRO NA LITERATURA INFANTO-JUVENIL

A literatura infanto-juvenil surge no século XVIII, quando a sociedade burguesa ascendente passa a perceber a criança enquanto uma categoria que precisa de uma educação específica. A partir de então, a criança brasileira pertencente à burguesia passa a ter acesso às obras clássicas de ori-

gem estrangeiras, as quais eram traduzidas ou adaptadas. Os autores mais lidos no Brasil foram, e de certa forma continuam sendo, Perrout, Irmãos Grim, Lewis Carroll, Andersen, entre outros, enquanto as crianças de classe popular desfrutam das histórias orais do folclore brasileiro, contadas pelas avós (CUNHA, 1999).

A literatura infanto-juvenil brasileira, enquanto produto nacional, tem início com Monteiro Lobato. Percebe-se nas obras desse autor a continuidade da tendência da literatura para adultos: preocupação com questões nacionais, sociais, morais. Em relação ao negro, os preconceitos e estereótipos também foram transpostos da literatura dos adultos para a literatura infantil.

Monteiro Lobato é, sem dúvida, um dos maiores escritores brasileiros, mas é necessário renovar os olhares com que se vêem as delicadas relações que o escritor estabelece entre a literatura e sua percepção do social e do histórico em relação à presença e ao valor do negro na sociedade brasileira.

Tia Nastácia, a principal personagem negra de Monteiro Lobato, é analfabeta e chamada “a negra de estimação”, “negra que é tratada como parte da família”. No entanto, é na cozinha, à beira do fogão - seu espaço natural -, que reforça sua inferioridade e sua desqualificação social. Na obra *História de Tia Nastácia*, publicada em 1937, o autor deixa evidente seu racismo e desprezo pela cultura popular,

matriz de onde vem tia Nastácia. Na obra, as histórias contadas por ela são consideradas pelos outros personagens do Sítio como de mau gosto. A tia Nastácia sofre xingamentos e desprezos. Ninguém lhe poupa críticas. Na história, Monteiro Lobato mostra que, para ele, existe tensão sem solução, entre o mundo da cultura de uma negra, analfabeta, e o da cultura branca, burguesa.

Tio Barnabé, por sua vez, ao longo das obras infantis de Lobato, é relegado a papéis secundários. Sua marginalidade é evidente no isolamento a que é submetido: mora fora da casa, “numa cabana nos confins do Sítio”. Quanto ao Sacy, é coadjuvante de Pedrinho, e encarna todos os vícios que as crianças não podem ter: mexer nas coisas alheias, fazer trapalhadas, assustar as pessoas, entre outros.

Segundo Brookshaw (1983), as histórias de Monteiro Lobato, embora charmosas, contribuíram e reforçaram, por gerações afora, o estereótipo do negro como uma criatura fundamentalmente ilógica, para não ser levada a sério no mundo real do adulto.

Sabe-se que a literatura infanto-juvenil, em termos gerais, ajuda as crianças, além de outras coisas, a construir sua identidade. Num processo de transferência, os pequenos se colocam no lugar dos heróis e vivenciam as sensações dos personagens. Sentimento de inferioridade e auto-rejeição são as consequênci-

as mais comuns na auto-estima da criança que não se reconhece nas histórias contadas pelos livros. Todos querem e precisam sentir-se aceitos pelo seu grupo e pela sociedade.

No entanto, nas análises literárias realizadas, percebe-se a existência de duas categorias de livros paradidáticos infanto-juvenis. Os primeiros, aqueles traduzidos ou adaptados de autores estrangeiros, tais como Irmãos Grimm, Perrault, Andersen, Lewis Carrol, J. M. Barrie, Mark Twain, Ferenc Molnar, que foram e continuam sendo as obras literárias mais lidas pelas crianças e as mais utilizadas nas escolas, silenciam quase que totalmente em relação aos negros. Nesses livros o personagem negro, assim como sua história e sua cultura, praticamente inexistem. Enquanto que, em relação ao branco, exaltam-se suas qualidades, belezas e cultura de maneira explícita, de forma a reforçar a ideologia da superioridade branca.

Em relação à segunda categoria de livros, a maioria escrita por autores brasileiros, em alguns, a imagem do negro é silenciada; e, em outros, quando o negro aparece nas ilustrações, isso é feito de forma desprezível, depreciativa, caricaturizada, quando não animalizada. Do ponto de vista da narrativa, os personagens aparecem em minoria, exercendo funções marginais, ou funções sociais consideradas inferiores. Esse fato demonstra que o racismo e o preconceito racial que permeia a sociedade brasileira

incide também na literatura infanto-juvenil. As crianças negras continuam sendo excluídas do processo de comunicação instaurado pela literatura paradidática.

A literatura infantil que os alunos lêem nas escolas com maior frequência raramente mostra famílias negras felizes e bem-sucedidas, personagens negras bem vestidas; raramente há príncipes, reis, rainhas de cor negra, assim como também não é comum ver um negro na capa de um livro, ou sendo o personagem principal. Do ponto de vista educativo, esse processo pode estar comprometendo tanto a formação da criança negra quanto da branca. Para a criança branca, essas obras literárias podem reforçar a ideologia da superioridade e supremacia de sua “raça”; por outro lado, pode subestimar, estigmatizar e em muitos casos fragmentar a auto-estima da criança negra.

Dessa forma, a ausência de personagens negros, ou a marginalização dos mesmos nos livros infanto-juvenis produz uma realidade preconceituosa nas relações intersubjetivas estabelecidas pelas crianças e contribui para a sustentação de uma ordem racial desigual. Daí a importância do conhecimento dos mecanismos sociais existentes na escola, que sutilmente contribui para a divulgação e legitimação de preconceitos, dentre eles, os livros infanto-juvenis que se lêem em sala de aula. Estar atento para a seleção dos mesmos poderá contribuir para uma edu-

cação que vise a superação de atitudes e comportamentos racistas e preconceituosos.

A partir da década de 80, como resultados de pesquisas, estudos, propostas no campo acadêmico e literário somadas a movimentos em favor da não-discriminação, surgem autores com novas propostas de obras literárias para crianças. São livros que procuram romper com um imaginário estereotipado do negro tão comum na literatura infanto-juvenil, até então. Dentre essas obras pode destacar-se: *Luana* (2000), de Aroldo de Campo e Osvaldo Faustino. Luana é a personagem principal do livro, a primeira heroína negra da literatura infantil. É uma menina, excelente capoeirista, bonita, bem vestida, inteligente, alegre e orgulhosa de sua origem afro-brasileira. O texto retrata a convivência numa comunidade remanescente de quilombo, onde Luana mora. Aborda também a origem do Brasil e sua variedade étnica.

Histórias de Preta (1999), de He-loisa Pires Lima, aborda de forma reflexiva e provocativa temas como a cultura africana, etnia, racismo, trabalhando com a visão do que é ser diferente. O livro traz seis histórias e a origem africana é o tema que percorre toda a obra, assim como a origem mestiça. As histórias procuram retratar o outro lado da história dos africanos e afro-brasileiros, negada pela história oficial, que não se conta nos livros didáticos.

O Menino Marrom (1986), de

Ziraldo Alves Pinto, questiona a existência das cores preto e branco. Os personagens da história são dois meninos, um branco e outro preto. Os dois têm família, estudam, são inteligentes, têm voz na narrativa. Não há desvalorização do marrom em detrimento do branco. Nas ilustrações o Menino Marrom é apresentado com traços definidos, bem delineados, suas características físicas são representadas positivamente.

Felicidade Não Tem Cor (2002), de Júlio Emilio Braz, discute a questão da cor e do preconceito racial. O personagem principal, Fael, é um menino negro que no primeiro momento quer ser branco, para evitar as gozações dos colegas. No final da história, com ajuda de um radialista negro, ele passa a se aceitar e vive feliz. Nesse livro a caracterização do personagem não é tão positiva, mas o conteúdo leva à reflexão em torno da auto-aceitação.

Bruna e a Galinha D'angola (2003), de Gercilda de Almeida, conta a história de Bruna, uma menina negra, personagem principal do livro, que sofre por não ter amigos. Até que a avó, uma velha africana, tira a solução de um pano pintado em sua terra natal, Angola. A peça estampa uma galinha-d'angola chamada Conquém. Inspirada, a menina modela uma ave de barro para lhe fazer companhia. Depois, ao ganhar um animal de verdade, conquista a simpatia das crianças da aldeia. O livro, repleto de mitos e expressões provenientes da África,

celebra as raízes negras do Brasil.

Que mundo maravilhoso! (2000), de Julius Lester e Joe Cepeda, é um livro surpreendente. Conta a história da criação do mundo; o enredo se passa no céu, Deus e todos os anjos são negros. Deus criou o mundo, mas Flora, o anjo encarregado de tudo, achou tudo muito chato. Então Deus resolveu melhorar as coisas com a ajuda de sua mulher - deusa Irene, e tudo ficou alegre. O livro não discute o tema racismo, mas é interessante por representar Deus e todos os anjos de cor negra, imagens que nunca se vêem em livros comuns. Ademais, o livro rompe o preconceito de gênero, enfatizada na versão bíblica e reproduzida ao longo da história da sociedade.

O Menino Nito (1959), de Sonia Rosa, também não trata de tema racial, mas todos os personagens são negros, representados positivamente. Nito, o personagem principal, tem uma família completa, mora numa casa confortável. A relação de Nito com a família é permeada por muita afetividade e atenção. Nito vai ao médico e este também é negro, assim como todos do hospital. O texto discute o estereótipo machista de que homem não chora.

O livro *Menina Bonita do Laço de Fita* (1986), de Ana Maria Machado, conta a história de um coelho branco que quer ser negro como a menina, personagem principal da história, por quem ele está apaixonado. A leitura do livro permite discutir por

que cada pessoa é de uma determinada cor e apresenta a idéia de herança racial e de miscigenação. A menina personagem principal é bonita, inteligente e orgulhosa de sua cor.

Tanto, Tanto, de Trish Cooke, retrata o cotidiano de uma família negra de classe média inglesa; todos os personagens são negros, raridade nas páginas dos livros para crianças publicados no Brasil. É interessante a forma como o cotidiano é revestido de caráter poético, evidenciado pelo carinho com que as características particulares das personagens vão sendo reveladas: tia, tio, avó, primo adolescente. Na reunião de uma família para comemoração do aniversário do pai, aparecem componentes de diversas faixas etárias, cada um com suas manifestações afetivas próprias, e assim vai se desenhando um painel terno de uma convivência alegre e fraterna. Esse tipo de literatura infantil, quer no trabalho da escritora ou de ilustradores, configura-se como um espaço de educação para a diversidade e para a convivência com o diferente.

O livro *Ifã, o Adivinho*, assim como *Xangô, o Trovão*, ambos de autoria de Reginaldo Prandi, são livros que tratam da mitologia e religião iorubá e de seu culto aos deuses orixás. Desmistificam a religiosidade de origem africana, através da forma descontraída e divertida como são contadas as sagas dos deuses. São histórias que permitem um acesso ao universo da cultura popular da África

negra, muito pertinente em tempos nos quais a sociedade clama por respeito ao legado dessa cultura na formação da identidade brasileira, tendo em vista o preconceito que a rodeia. As histórias permitem compreender que não existem culturas melhores ou piores, podendo a literatura ser um ótimo meio para um embarque na aventura rumo ao imaginário de povos fascinantes, como o são os africanos.

Essas obras literárias, além de outras (sugestão de bibliografia no final deste artigo), contribuem de forma significativa para que as crianças, em especial as crianças negras, sejam despertadas para o mundo da escrita e da leitura vendo sua cor, sua história, sua cultura, suas características sendo representadas de forma positiva. E, por outro lado, estimulam as crianças brancas a compreender e respeitar as diversidades.

É importante ressaltar que não se trata de propagar dois tipos de literaturas para públicos distintos. Ou que se deve substituir, em sala de aula, uma literatura pela outra. Mas a preocupação que se deve ter está na necessidade de incorporar outras perspectivas de leituras que rompam com os silenciamentos e preconceitos raciais existentes nas literaturas tradicionais. E, por outro lado, necessário se faz estabelecer uma postura crítica ao selecionar e ministrar leituras em sala de aula.

Embora a integração multiétnica, multirracial e multicultural não seja produto exclusivo do trabalho esco-

lar, a escola pode tornar-se um espaço privilegiado dessa integração, uma vez que nela coexiste grande número de referenciais culturais à disposição do aluno.

É imperativa a observação de McLaren (2000), no sentido de que as educadoras e trabalhadoras culturais assumam a questão da “diferença” de maneira que não venham a repetir o essencialismo monocultural dos “centrismos” - anglocentrismo, eurocentrismo, falocentrismo, afrocentrismo, androcentrismo, e assim por diante, mas que criem uma política de construção de alianças, de solidariedade que avance para além de posturas condescendentes (como, por exemplo, “semana das raças”), que na verdade servem para manter intactas formas de racismo institucionalizado. É preciso, segundo o autor, reinventar a linguagem para retirar-lhe o conteúdo discriminador. Será preciso, por exemplo, reescrever os livros didáticos e paradidáticos em linguagem não-sexista e não-racista; romper com os silenciamentos que permeiam todo o ritual pedagógico em torno das diferenças, problematizando-as, pois o livro de literatura, aqui abordado, é apenas um mecanismo de propagação de discriminação e exclusão.

Conforme o mesmo autor, esse processo não pode ser feito fora do contexto histórico e social na qual está inserido, nem muito menos pode ser desconsiderado o jogo capitalista que o permeia. Ou seja, a pedagogia

multicultural crítica sem uma agenda política de transformação pode apenas ser outra forma de acomodação a uma ordem social maior. Portanto, ao propor uma perspectiva educacional que se fundamente na tolerância, no reconhecimento do outro e suas diferenças de cultura, etnia, religião, gênero, etc., não podemos perder de vista o combate à desigualdade social, que nos incomoda historicamente.

REFERÊNCIAS

- BROOKSHAW, D. **Raça e cor na literatura brasileira**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.
- CUNHA, M. A. A. **Literatura infantil: teoria e prática**. São Paulo: Ática, 1999.
- McLAREN, P. **Multiculturalismo crítico**. São Paulo: Cortez, 2000.
- NEGRÃO, E. V. Discriminação racial em livros didáticos e Infanto-juvenis. **Cadernos de Pesquisa**, n. 63, nov. 1987.
- SOUZA, A. L. Personagens negros na literatura infanto-juvenil: rompendo estereótipos. In: CAVALLEIRO, E. (Org.). **Racismo e anti-racismo na educação**. São Paulo: Summus, 2001.

Sugestões de literatura infanto-juvenil com personagens e/ou temática negras

A cor da ternura, de Geni Guimarães, Editora FTD. Agbalá, um lugar-continente, de Marilda Castanha, Editora Formato. Aída, de Leontyne Price, Editora Ática. Berimbau, de Raquel Coelho, Editora Ática. Bruna e a Galinha D'Angola, de Gercilda de Almeida, Editora Pallas. Como as histórias se espalharam pelo mundo, de Rogério Andrade Barbosa, Editora Difusão Cultural do Livro. Contos ao redor da fogueira, de Rogério Andrade Barbosa, Editora Agir. Gosto de África: Histórias de lá e de cá, de Joel Rufino, Editora Onda Livre. Histórias Africanas para contar e recontar, de Rogério A. Barbosa, Editora do Brasil. Histórias da Preta, de Heloísa Pires Lima, Editora Companhia das Letrinhas. Ifá, o adivinho, de Reginaldo Prandi, Editora Companhia das Letrinhas. Lendas Negras, de Júlio Emílio Braz, Editora FTD. Luana, a menina que viu o Brasil neném, de Aroldo Macedo,